



ERONIQUE, representada em casa da Sr.^a D. Laura Reis Ferreira. FLORESTAN e MADAME COQUENARD

N.º 310 Lisboa, 29 de Janeiro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

ANO, 4800—Semestre, 25400—Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GREGA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO 43



Mãesinha, dá-me **SOMATOSE LIQUIDA!**

É O QUE TODAS AS CRIANÇAS DIZEM DEPOIS DE UMA VEZ TOMAREM TÃO PRECIOSO RECONSTITUINTE.

A SOMATOSE LIQUIDA

FÓRMA SANGUE NOVO E RICO.

A SOMATOSE LIQUIDA

DESPERTA O APPETITE E MELHORA A DIGESTÃO.

A SOMATOSE LIQUIDA

FORTIFICA OS MUSCULOS E TONIFICA OS NERVOS.



À VENDA EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

... OS SPORTS D'INVERNO EM PARIS

A *Ilustração Portuguesa* disse em tempo, falando do «Luna-Park» e da «Magic-City» como os parisienses se divertem no verão. Será agora decerto oportuno dizer como eles se divertem no terrível inverno. Ora o inverno é muito naturalmente a estação da patinagem e a patinagem é um dos sports mais queridos da gente de Paris. Vou contar-lhes então como pratica a patinagem o parisiense «chic», aquele que conhece as assistências elegantes como qualquer cronista mundano da nossa capital e para quem os dias da moda aqui ou acolá constituem o calendario mais familiar...

Quando não havia «Palais de Glace», os parisienses amigos de deslizar sobre o gelo utilizavam para os seus exercicios os lagos do «Bois». Comtudo, esse sport, cheio de perigos, impunha largos e enervantes intervalos. A patinagem sobre os lagos só é consen-



1— A entrada do «skating rink» de Saint Didier
2— O «Palais de Glace» quadro de Rousseau Decelle

quem ali irá das 5 às 7 (ou como em Portugal se diria, das 17 às 19) sem reconhecer que não ha mais encan-

tida quando a temperatura se conserva, durante oito dias, abaixo de zero. Ora— digam lá o que disserem—em Paris isso não é vulgar. Este inverno, por exemplo —e estamos em meio de Janeiro— ainda só um dia o termometro desceu a menos 1°. Com o «Palais de Glace» tudo se remediou. E' um grande recinto, um palacio, circular, aquecido, tapetado, com mezas no rez-do-chão e n'uma galeria circundando a pista, ampla, onde o gelo se produz artificialmente. As paredes são cobertas de espelhos, a iluminação é profusa. E nin-

tador aspeto da vida parisiense do que aquele que oferece o vasto «ring» cheio de mulheres lindas, vestindo como ninguém mais sabe vestir no Universo.

Evidentemente, leitor amigo, se lá fôres um dia e te sentares a uma d'essas mezas, debruçado sobre o gelo, saberás que os bons espetaculos se pagam caro e que, aos 5 francos que dêste na entrada, terás de juntar os 3 ou 4 que te levarão implacavelmente por um chá ou chocolate, com uma torrada modesta ou um bolinho mau. E se quizeres fumar e te dirigires a um bal-



um instante
madrigalan-
do uma das
diabólicas
tentações
que ali pas-
seiam, logo
uma mulhe-
rinha virá
para ti com
um ramo de
velhas vio-
letas ou de
cravos mur-
chos que a
diabólica
tentação
aceitará com
um sorriso,
que tu paga-

ção onde
uma elegante
senhora ven-
de o veneno
com que o
teu vício in-
corrigível se
alimenta, pa-
garás 8 tos-
rões por uma
caixa de ci-
garros d'a-
queles quena
chiquíssima
Havaneza, aí
do Chiado,
te custam 6
vintens. E se,
portuguezinho
valente,
te detiveres



1—Um aspecto do Skating de St. Didier

rás por 4 francos e que ela, a mesma diabólica, irá, logo que tu voltes costas, entregar á florista para que a florista torne a vender a outro amavel homem como tu.

Ha celebridades do «Palais de Glace». Cavalheiros que passam o dia inteiro a fazer piruetas, correrias e acrobaticos floreiros com aquelas metalicas e sportivas guarnições nas suas solas. Ha mulheres que, patinando, fazem um curso completo de suggestiva e bela estatuaria: Liane de Lancy, por exemplo, uma das mais elegantes figuras do Paris mundano... e uma das que ha mais tempo o são.

2—O Skating de St. Didier pela manhã 3—Grupo de professoras de St. Didier



talvez, mas geralmente mais numeroso que o do «Palais». É a pista das demi-mundanas. Um galanteador malicioso poderia chamar-lhe um *marché de fleurs*.

Ali, como em geral nos *rings de roulettes*, a patinagem é regulada n'um quadro que ora diz que *Tout le monde patine*, ora marca *Dames seulement*, ora *Dames et messieurs, couples seulement*, ora manda *Retourner*, ora indica um *Spécial*, que aparece sempre ao bater das 11 (ou das 23, se preferirem) e que consta de acrobatismos, dansas, habilidades, jogos de bola, etc., feitos por patinadores profissionais.

Tem o estabelecimento um restaurante, um *bowling*, um *bar*, e leva aos frequentadores 1 franco e 50 pela en-

Entre os *skatings de roulettes*, e que são numerosos, um ha que a Moda elegeu: é o da rua de Saint-Didier. Não é belo: é americano. Mas é grande, é enorme: um barcão monstro, *yankee*, guarnecido com bandeiras, com focos e com lampadas de côres, frequentado á tarde e á noite por um publico, menos seleta



trada e 2 francos pelos patins. Não sei se o amigo leitor ainda acha caro. Mas, se se quer divertir ainda por menos, en tão . . . não venha cá.

Paris. Janeiro, 1912.

RUY DE CHAVES.

1—Um grupo de professores de St. Didier. 2—Regresso da patinagem (quadro de G. Michelet)
3—O restaurante de St. Didier

A LUTA DO HOMEM CONTRA A SERPENTE



A serpente é um inimigo terrível e o homem bastante tem lutado para conseguir anular a ação do seu veneno, cujas glandulas estão colocadas um pouco abaixo e atrás dos olhos e pela sua ação anatomica cor-

respondem á glandula salivar chamada parotida nos mamíferos. O povo julga que a serpente tem o veneno na lingua, quando este orgão não é mais do que u n elemento de tatibilidade para reconhecer o terreno onde lentamente deslisa e os perigos que a ameaçam.

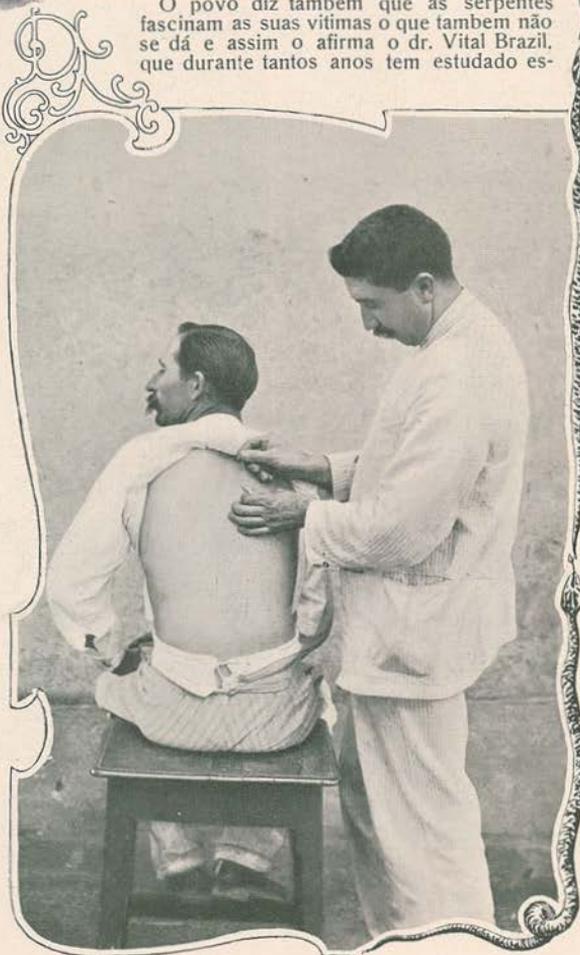
A sua influencia na imaginação popular é enorme. No paraizo é a origem do pecado; em Asimana é o mal contra o bem, representado por Orosmade, no dualismo persa. Os gregos consideravam-na atributo de Apolo; era-o tambem de Esculapio, da prudencia e da magia. No Egitto representa a fertilidade. Na Índia e no Indo-China ha a serpente de sete cabeças com um culto religioso. Na Europa apoderou-se d'ela a crendice popular. Na Sardenha consideravam-nas divinas e diziam que podiam adivinhar o futuro. Quando entrava na cabana d'um pastor era um presagio de felicidade; as mulheres que descobrem um ninho d'um d'estes reptis vão dar-lhe de comer.

Entre nós não ha absolutamente a menor superstição pela serpente. Ha, em todo o caso, lendas a seu respeito. Diz-se que quando vão para dentro d'agua deixam o seu veneno

n'uma folha, o que é absolutamente falso. Isto, naturalmente, provém d'elas não fazerem mal quando no elemento liquido, o que de resto se compreende porque raras são as especies que vão para a agua e mesmo n'ela falta-lhes o ponto de apoio de que carecem para poderem lançar o seu veneno.

Diz-se tambem que mamam nas mulheres como se fossem creanças, enquanto metem a sua cauda na bôca dos bebês. E' falso. Elas não mamam, simplesmente porque não são mamíferos e só estes animaes teem a bôca anatomicamente constituída para essa função.

O povo diz tambem que as serpentes fascinam as suas vitimas o que tambem não se dá e assim o afirma o dr. Vital Brazil, que durante tantos anos tem estudado es-



1—Uma cobra cascavel 2—A injeção contra-veneno n'um brasileiro mordido pela cobra coral



O medico bacteriologista dr. Vital Brazil, diretor do Instituto serumterapico do Estado de S. Paulo

tes reptis. Quando uma serpente venenosa morde um homem ou um irracional os sintomas toxicos variam conforme a qualidade e a quantidade do veneno

inoculado. Os fenomenos locais são o inchaço dos sitios visinhos c'o logar tocado, trepidação das fibras musculares no mesmo sitio, dôr de intensidade varia-



1—A chegada ao Instituto de cobras apanhadas nas «fazendas» do interior do Brazil
2—Um exemplar curioso

vel e sensação de frio.

Cada especie de serpente fornece um veneno que apresenta grande numero de carateres comuns com os das especies que se lhes assemelham. Os meios que contribuem para evitar ou diminuir a frequencia da mordedura das serpentes, devem ser classificados em dois grupos: a de proteger directamente os individuos contra taes accidentes ou a directa, que é a caça aos reptis, como se pratica no Brazil, onde eles são numerosos e variados.

O indigena anda descalço e está provado que a maioria das mordeduras são sempre nos pés e nas pernas.

A caça faz-se em toda a parte da America.

Na Florida, o cele-





simpatia são os menos perigosos, pois não fazem mal ás pobres vítimas do ofismo. Consiste o seu tratamento, quasi sempre, em dar um copo d'agua ao paciente, fazendo-lhe varios momos e gestos, dizendo palavras cabalisticas.

Outros usam varios objetos e então aparecem n'isto as coisas singulares como são, por exemplo, a pele do lobo, as penas de perdiz, as pedras porosas, as pontas de pau do ar, etc. Isto applica-se não só exteriormente, mas ainda em tísana.

Em cada região ha uma fórma,

- 1—Outro exemplar d'ofidio
2—Captura de uma serpente pelo dr. Vital Brazil

bre Peter Gruber matou á sua parte mais de 50:000 d'esses animaes. Na Indochina ha uma casta que as persegue e recebe a paga nos postos inglezes. Desde o começo da ação do Instituto Serunterapico—o mais celebre dos estabelecimentos brasileiros dedicado a este estudo—tem recebido mais de 15:000 de varias especies.

Os processos de cura são curiosos. Ha o homem do povo que guarda o segredo mais absoluto das coisas de que se serve, os ingredientes que emprega. Uns curam por simpatia, outros com plantas.

Os que fazem isso po





1—A operação da extração do veneno a uma serpente no Instituto de S. Paulo
 2—A primeira fase da operação
 3—A segunda fase
 4—A cabeça d'uma cobra jaraca, mostrando o aparelho inoculador do veneno. A—Dente inoculador B—Glândula do veneno C, D, E.—Musculo masseter

mas os resultados não podem de maneira alguma ser seguros.

O tratamento deve ser feito n'estas condições: subtrair o veneno da ferida ou impedir a sua entrada na circulação.

—Destruir o veneno inoculado.

A sucção para extrair o veneno é um processo conhecido mas não dá sempre resultado em virtude da rapidez com que elle se fixa nos tecidos e a afinidade que tem pelo putapuz das células. Para destruir o veneno injetado tem-se usado o fogo, o ferro em brasa e os saes que tenham ação ativante no veneno. Os primeiros só tem ação em seguida á mordedura. Ha então os saes que alteram o veneno e esses são o permanganato de potassa, o acido chromico, o cloro d'oiro.

Estes determinam uma alteração rapida. Comçam, porém, a fazer o que os sabios chamam a imunisação.

E' a esta obra que mais se tem dedicado o Instituto de Butantan do Brazil.

Quando se injeta debaixo da pele d'um animal determinado veneno em do-



ses infinitamente pequenas e que progressivamente se vão augmentando, vê-se que elle resiste a doses enormes sem apresentar sintomas de envenenamento.

Quando se faz esta imunisação obtém-se um sôro muito ativo ou antitoxico em relação ao veneno empregado no processo que o torna inerte mas pouco antitoxico ou mesmo sem atividade alguma em relação a outros venenos. De sorte que racionalmente deve haver tantos tipos de sôro antivenenosos quantas as especies de serpentes que existem. Deliberou-se, porém, arranjar tres tipos de sôro para as mordeduras das serpentes da fauna sul americana e assim se fez.

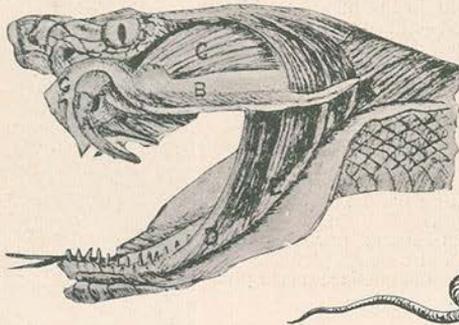
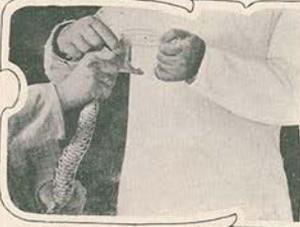
Ha o sôro anti crotalico (fornecido pelos animaes exclusivamente imunizados com o veneno do *Crotalus Terrificus*) muito activo contra os envenenamentos determinados por esta especie.

Ha o antilotropico e o antielapino que dão os melhores resultados n'esta luta do homem contra a serpente n'aquelas regiões onde ellas abundam.

São estes os meios de cura porque as plantas, isso já está hoje demonstrado por varios sabios, são apenas fabulas da imaginação popular.

O sabio naturalista Schelegal, no seu livro, fala de varios venenos de vegetaes precognisados para afastar as serpentes e conclue que nenhum d'eles tem valor real. Rufiz chega a idêntico resultado depois d'um estudo aturado nas Antilhas. No Brazil continuam, todavia, a citar-se varias plantas, como sejam o catingueiro, e o capim melado. Ha, porém, quem afirme serem as pastagens de catingueiro ninhos d'aquelles reptis.

A lenda vae-se desfazendo ácerca d'este animal tão querido dos antigos e tão supersticiosamente tratado. Todos os seus attributos desaparecem assim como as lendas relativas ás materias empregadas para a cura das suas mordeduras.



Uma Recita Elegante



A REPRESENTAÇÃO DA "VERONIQUE" EM CASA DA
 Srs. D. LAURA D'ABREU REIS
 FERREIRA.

- 1—O sr. José Lino Junior,
 que serviu
 de ponto e de contra-
 rega na recita de amadores
 2—Madame Coquenard,
 D. Margarida Carneiro
 3—Mademoiselle Helene
 de Solanges (D. Maria Tereza
 Ribeiro Ferreira)
 4—Monsieur e madame
 Coquenard (sr. Carlos Macha-
 do Ribeiro Ferreira
 e D. Margarida Carneiro



5—Comtesse Ermerance de Champ d'Asur (sr.ª D. Maria Emilia Macielra Lino)



No 1.º ato: Scena VIII—Bonjour mr. Serafin

Recomeçou entre nós a vida da sociedade. As festas brilhantes inauguraram-se com êxito; as grandes salas encheram-se de luzes; a animação voltou.

Uma das últimas grandes festas realizadas em Lisboa foi a oferecida, no seu palacete da rua Barata Salguei-

ro, pela sr.ª D. Laura d'Abreu Reis Ferreira e por seu marido sr. Carlos Ribeiro Ferreira, às pessoas das suas relações e que se revestiu d'uma grande suntuosidade.

No bellissimo salão de jantar da residencia improvisou-se um palco, aproveitando a natu-



Cena final do 1.º ato

ral divisoria formada pelo extenso arco, e d'este modo se pôde representar—e realmente d'uma maneira adoravel—a peça de *Messenger Veronique*, aqueles tres atos da opera



1—O quarteto do 1.º ato sr.ª D. Maria Emilia Macleira Lino, D. Maria Tereza Ribeiro Ferreira, D. Laura Reis Ferreira e D. Margarida Carneiro
2—O baile do noivado no 2.º ato



tão interessantes. Adaptou-se a acção ao tempo do Imperio, com os seus militares, as suas damas, os seus trajos magníficos proprios para fazerem resair belezas, acompanhada por uns lindos versos, adornada com uma formosissima musica. Tudo aquilo tem um aspeto gracioso com as floristas gentis do Templo de Flora, cantando

*Que ces bouquets
Sont coquets
Et bien faits*

quando a peça abre e, no seu decorrer, com as idéas de Coquenard, a gentileza de Florestan a garridice d'Emmerence.

Mas depois do belo detalhe dos personagens é para os côros que se voltam as atenções, sobretudo para o dos soldados, que é na verdade magistral como o dos convidados no terceiro ato.

*Bal à la cour
C'est un beau jour
Quand le roi nos invite
En fábala
En grand gala*

Toda essa cena do pequeno salão das Tulherias é cheia d'um grande interesse em que Agathe Coquenard canta estes versos de infinita graça e leve ironia:



*On rencontre des duchesses
Ayant l'habitudes des cours*

e vae dizendo sempre que o ornamento do baile é todavia a burguezia, a guarda nacional, o marido tornado capitão com a sua farda brilhante.

De entrecho ligeiro, acabando como todos os trabalhos d'este genero galante por um contrato de ca-

samento em que o belo Florestan vence, a *Veronique* é, apesar de tudo, obra de folego para ser desempenhada n'um salão. Difficilmente, porém, teria sido melhor interpretada do que n'esta festa em casa da sr.^a D. Laura Reis Ferreira.

Os papeis da *Veronique* foram assim distribuidos:

A D. Maria Tereza Ferreira, *Helene de Solanges*; D. Margarida Carneiro, *Agathe Coquenard*; D. Maria Emilia Macieira Lino, *Emerence de Champ d'Azur*;



1—Cena III: 2.º ato—De c/ de lá cahiu cahã 2—Quarteto do 3.º ato (Cena VIII)

a D. Maria de Abreu Batista, *Denise*; a D. Elisa Castro, *Tante Benoit*, *Florestan de Valanicourt*, D. Laura Reis Ferreira; *Coquenard*, Carlos Ribeiro Ferreira; *Lusot*, Joaquim Gomes; *Serafin*, Carlos de Abreu Baptista.

O resto das personagens, que formavam um excelente conjunto de trajes, grupos interessantes uma figuração brilhante e escolhida de floristas, guardas, damas da imperatriz, convidados eram as sr.^{as} D. Rosa B. F. Gomes, D. Maria R. C. Henriques, D. Horstense B. F. Reis, D. Alice S. Bandeira, D. Arcelina M. Santos, D. Luiza V. Marques, D. Helena Carneiro, D. Adelaide Andrade, D. Maria Gomes, D. Maria C. M. Marques, D. Maria Amelia



1-2.º ato: Dueto entre Florestan e Veronique. D. Maria dos Reis Ferreira e D. Maria Tereza Ribeiro Ferreira

3-As floristas na peça (Clíchê Vasques e Benoitel)

Castro, D. Maria Angelica e D. Maria Inez M. Rodrigues e os srs. Claudino Gomes, Luiz Soromenho, José Loureiro, Fernando Campos, José Amzalak, Alberto Reis, José M. Rodrigues, José Reis, Jorge Reis e Mario Reis.

Como se vê a *Veronique* tinha assim uma seleta interpretação com a mais elegante das figurações.

D'este conjunto saiu uma adovavel representação. Os trajes eram d'uma cintilação exquisita; as atitudes, as vozes, toda essa maneira caprichosamente conseguida para fazer resaltar da parte de cada um a sua boa vontade e o seu talento, forma-

ram o espetáculo encantador.

A sr.ª D. Lau-

Melo, ensaiou-os na forma de representar e o maestro Lloriente, ensaiou também com amor e com carinho



1—D. Hortense Reis (uma florista)

2—Serafin Carlos Batista

3—Florestan (D. Laura Reis Ferreira)

4—Loustot (J. Gomes)

5—Coquenard (Carlos Machado Ribeiro Ferreira)



ra Reis Ferreira, D. Maria Lino, D. Maria Tereza Ferreira e D. Margarida Carneiro tiveram que bisar algumas das suas canções, assim como foi bisado o curioso e harmonico côro de soldados do 3.º ato.

Durante algum tempo, com um cuidado inexcusável, houve alguns artistas a cuidarem aquelas boas vontades, aquelas aptidões, aqueles desejos de se conseguir representar a *Veronique*. Madame Mantelli, a ilustre professora de canto, orientou os amadores na sua parte profissional; o distinto ator Augusto de



os difíceis côros que tão bons efeitos deviam produzir.

Os convidados aplaudiram entusiasticamente aquele excelente desempenho da opera de *Messenger* e a noite decorreu animadamente, terminando a representação depois das duas horas da noite.

Os donos da casa ofereceram, no final da recita, aos outros interpretes da peça magníficos ramos de flores.



A CRISE MINISTERIAL FRANCESA



- 1—O antigo presidente do conselho, Clemenceau, que provocou a crise
- 2—O presidente do conselho demissionario, mr. Caillaux
- 3—Raymond Poincaré, o presidente do novo ministerio francez
- 4—O ministro dos Estrangeiros do ministerio, Caillaux, mr. de Selves, cuja demissão deu logar á crise ministerial
- 5—O antigo presidente do conselho Aristide Briand, que no actual ministerio Poincaré fica vice presidente do conselho com a pasta da Justiça
- 6—O novo ministro da Guerra, Millerand
- 7—O ministro da Marinha, Delcassé, que transitou para o ministerio actual conservando a sua pasta

Mais uma vez Clemenceau deitou abaixo um ministerio. D'esta vez bastou-lhe uma simples pergunta feita ao sr. Selves acerca da sua ação pessoal na questão franco-alemã sem conhecimento dos seus colegas do gabinete. O governo demittiu-se sendo chamado a constituir gabinete Poincaré que escolheu a pasta dos estrangeiros e os seguintes ministros: Bourgeois, Trabalho; Briand, Justiça; Delcassé, Marinha; Millerand, Guerra; Gesthau, Instrução; Lebrun, Colonias; Steeg, Interior; Dupuy, Obras Publicas; Klotz, Finanças; Pams, Agricultura; David, Comercio.

FIGURAS E FACTOS



A bailarina de S. Carlos, Giuseppeina Horn, cujo debute nos «Huguenotes» constituiu um duplo successo coreografico e de beleza



O sr. dr. Augusto Soares, interinamente investido das eminentes funções de Procurador Geral da Republica (Clichés de Benoitel)

1—O novo governador de Moçambique, dr. Alfredo de Magalhães, acompanhado pelo sr. ministro das Colonias e pelo sr. Itoque d'Arriaga, secretario do Presidente da Republica. 2—O sr. dr. Alfredo de Magalhães na occasião do embarque no «S. Miguel»

O sr. dr. Alfredo de Magalhães foi nomeado governador de Moçambique, depois de ter sido delegado do governo na Madeira e diretor da Penitenciaria de Lisboa.

Vae substituir o sr. dr. Azevedo e Silva que, com o carater d'alto comissario, durante um ano dirigiu a colonia. Varias são as reformas que o novo governador pensa pôr em pratica na provincia, para onde embarcou em 20 de janeiro.

O alto funcionario colonial seguiu no paquete S. Miguel até ao Funchal, onde embarcará n'um dos grandes paquetes do Cabo da Boa Esperança, tendo, no entreposto de Santos, uma afetuosa despedida da parte do grande nucleo de elementos do grupo radical e de amigos pessoases.

O CONCURSO PARA A NOVA MOEDA

Os modelos adotados para as moedas de 20 centavos e 4 centavos destinadas a comemorar a implantação do novo regime foram os do escultor sr. Simões d'Almeida, sobrinho, tendo o juri também classificado os trabalhos com as legendas *Agricultura* e *Alvorada* cujo averso e verso respetivamente poderiam servir, caso o governo assim o entendesse, para a moeda de dois centavos. Os outros concorrentes cujos modelos foram apresentados em 28 de novembro e que por isso não se



- 1—O juri do concurso, constituído pelos escultores Teixeira Lopes, Costa Mota e pelo pintor Veloso Salgado, reunido na sala do conselho da Academia de Belas Artes
 2 e 3—Projeto do escultor Simões d'Almeida, sobrinho (legenda Patria) aprovado pelo juri, para a moeda de cobre
 5 e 6—Projeto do escultor Simões d'Almeida, Sobrinho, aprovado pelo juri para a moeda de prata

admitiram protestaram declarando ser n'essa data e não em 27 do mesmo mez— como o juri afirma—que terminava o prazo do concurso estabelecido em 50 dias no «Diário do Governo» de 9 de outubro.

4 e 7—Projeto distinguido para premio pelo juri

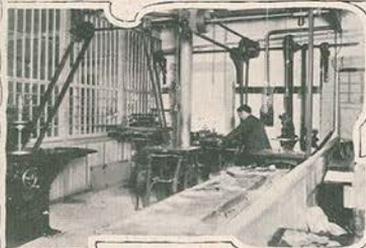
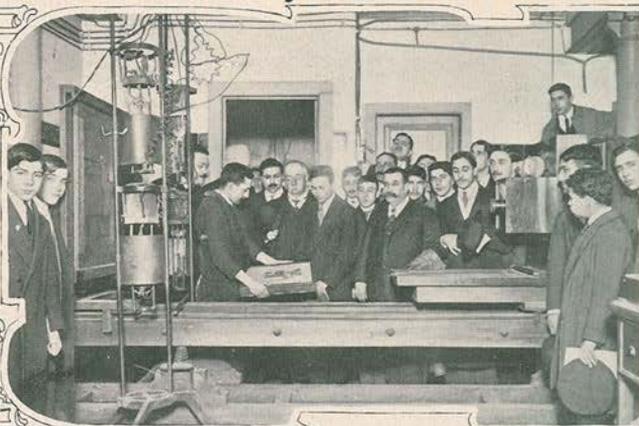
8 e 9—Projeto distinguido para premio pelo juri

(Clichés de Renolle)



OS ALUNOS DA IMPRENSA NACIONAL VISITAM AS INSTALAÇÕES DO "SECULO"

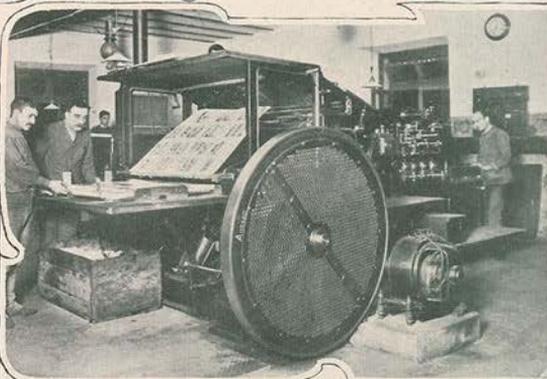
A Imprensa Nacional tem uma escola onde os aprendizes de tipógrafo se industriam em todos os segredos do seu mister e que a atual direção remodelou auxiliando com visitas de estudo a educação dos estudantes. A primeira visita do programa foi ás oficinas do *Seculo*, onde o seu inspetor, sr. João Pereira da Rosa e o engenheiro,



sr. capitão Sá Carneiro, explicaram o funcionamento dos variados maquinismos e as diversas fases da composição, stereotípia e impressão do grande jornal.

Primeiro viram a vastíssima sala da composição, onde estão as linotypes, cujo trabalho apreciaram detidamente; passaram á fotogra-
Ilustração Portuguesa e d'onde saem centenaes para

- 1—A visita ás oficinas de fotogra-
da *Ilustração Portuguesa*
2—A oficina de montagem dos zínco
3—Uma das maquinas de impressão
da *Ilustração Portuguesa*

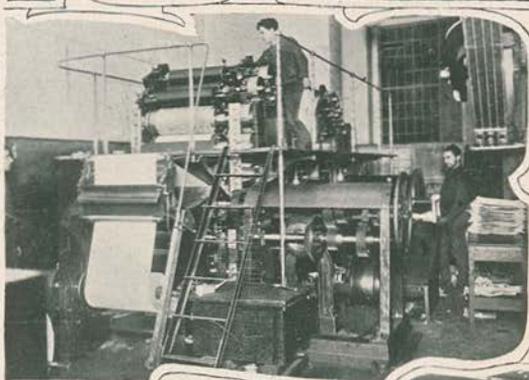


particulares e o seu mestre, sr. Frederico Buendia, deu as mais amplas instruções ácêrca de todo o mecanismo das excelentes instalações.

Entraram então no grande *hangar*, onde estão as maquinas de impressão, que foram postas em movimento, tirando-se alguns exemplares do jornal que o inspetor das oficinas ofereceu aos visitantes.

A visita estendeu-se a todas as dependencias do

- 4—Durante a visita á oficina
de fotogra-
de



1—Alguns dos alunos, acompanhados pelo pessoal superior das oficinas d'O Seculo, na visita ás máquinás rotativas em que se imprime o maior jornal do paiz.

Seculo, desde os armazens á redação, e deste modo se auxiliou, d'uma maneira util, a instrução ministrada na aula da Imprensa Nacional. Com exemplos do que lhes mostraram podem agora os tuncionarios que acompanharam os alunos e que eram os srs. Gregorio Fernandes, Carlos Augusto de Carvalho, José Serrão, David Gomes e Miguel Gomes, mais facilmente elucidal-os nos seus estudos.

Outras visitas igualmente instru-

tivas se vão seguir, fazendo todas parte da organização que o novo diretor da Imprensa Nacional, sr. Luiz Derouet, deu áquele estabelecimento do Estado.

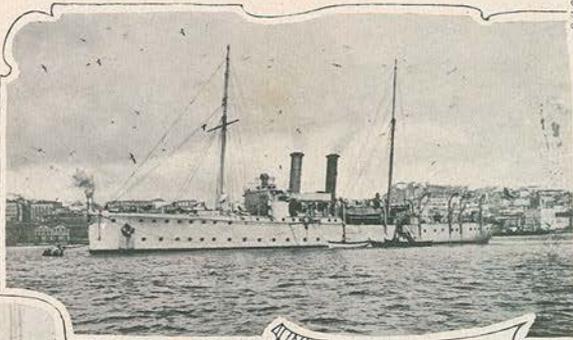
A pratica, misturada assim á teoria do ensino, sem duvida dará resultados eguaes aos do ensino tecnico nos outros paizes.



2—Uma das 5 grandes rotativas d'O Seculo
3—Um trecho da grande bateria de acumuladores da instalação elétrica d'O Seculo
(Clichés de Benollel)

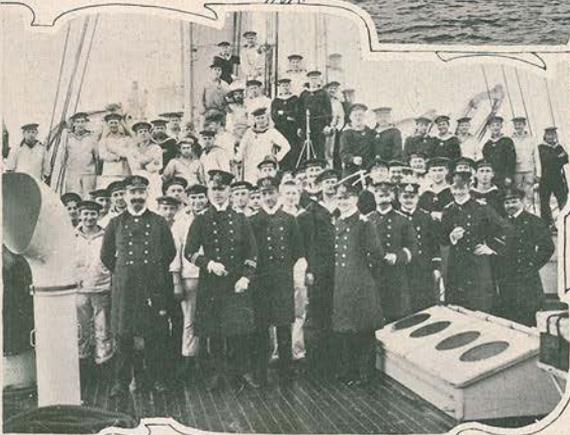
A 'PANTHER' NO TEJO.

A Panther é o barco de Agadir, origem do conflito franco-alemão. Quando a França começou a sua penetração em Marrocos a Alemanha não a viu calmamente. A necessidade da expansão colonial tornou-a irritável. Entretanto a penetração dos regimentos franceses ia-se realizando e um dia soube-se com pasmo que chegara a Agadir a canhoneira Panther, a fim de,



1—A «Panther», o pesadelo de Agadir, ancorada no Tejo
2—A officialidade da «Panther»
3—O comandante da «Panther» dirigindo-se a terra para proceder aos cumprimentos officiaes

em nome da Alemanha, assistir ás peripecias que se iam desenrolar. Era como a afirmação de que aquella tentativa sobre o imperio não passaria sem protesto. Sabe-se tambem como das entrevistas entre o re-

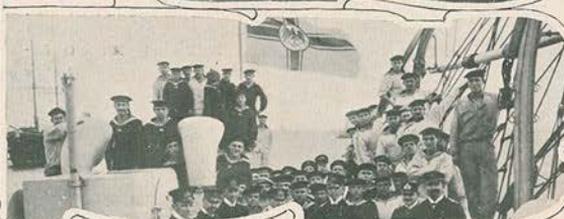




d'esse porto para o Congo, aparecendo assim o barco, que foi o inicio da questão franco-alemã, defronte da terra que por esse conflito lhe foi cedida.

Dirigiu-se então o navio de guerra para o Tejo onde chegou a 18 de janeiro, indo o seu comandante, sr. Heine, cumprimentar o ministro da marinha e outros altos funcionarios navaes.

O presidente do conselho visitou a canhoneira em 21 do mesmo mez e o governo ofereceu um jantar á officialidade do navio, que se realiso no mesmo dia no ministerio do interior.



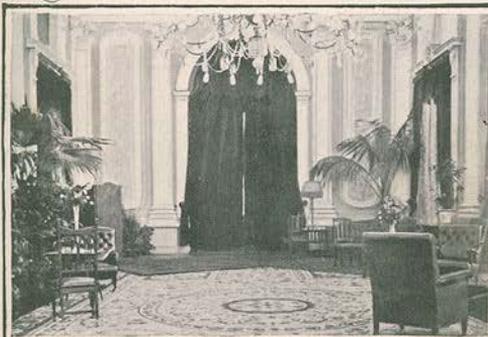
- 1—O consul da Alemanha, sr. Dahendhart, a bordo
- 2—O pavilhão d'Alemanha
- 3—Aspetto de bordo
- 4—A visita ao consulado (Clichés de Benoitel)

presentante da França e o chanceler alemão se chegou ao accordo pelo qual a Alemanha consentiu no protettorado de Marrocos por parte dos francezes, recebendo em troca as compensações no Congo. O conflito evitou-se, mas houve espiritos que ficaram perturbados e parece ser esse o motivo porque a Panther não foi agora a Antuerpia, Belgica, pois se receavam manifestações favoraveis e desfavoraveis a uma e a outra nação.

A canhoneira largaria depois



O JANTAR OFERECIDO PELO GOVERNO À OFICIALIDADE DA "PANTHER"



1—Um aspecto da sala da Presidência do Governo, decorada para servir de sala de fumo

Ao jantar oferecido pelo governo, no ministerio do interior, aos officiaes da canhoneira alemã *Panther*, assistiram, além d'estes, os ministros dos estrangeiros, da marinha, colonias e finanças, o encarregado de negocios da Alemanha, major general

da armada e varios officiaes da marinha portugueza.

Foram trocados os brindes mais cordeaes no final do banquete, accentuando o chefe do governo todo o nosso brilhante passado de grandes marinheiros e navegadores, de descobridores audaciosos, falando tambem da grandeza dos recursos das colonias alemãs e da modestia das nossas. O encarregado de negocios da Alemanha, d'uma



2—Aspecto geral da sala de fumo
3—A mesa do banquete, armada na antiga sala do Conselho do Estado, no ministerio do interior
(Clichés de Benoitte)

maneira significativa, disse que sendo Portugal e a Alemanha visinhos em territorios africanos, ambos caminhariam para o mesmo fim progressivo, fazendo a civilização pacifica dos seus respectivos dominios.

De seguida o ministro da marinha saudou o comandante da *Panther* que, por sua vez, assegurou serem sempre os nossos grandes vultos de navegadores citados como exemplo nas suas escolas navaes.

SUCESSOS & TEATRAES

A PARODIA DE ESCULAPIO AOS 20 000 DOLARS EM CENA NO THEATRO MODERNO

O romance policial faz a sua carreira. *Arseni Lupin*, o ladrão francez, desafiou *Serlock* o policia inglez. Apareceram depois rumas de livros do mesmo genero com as mais maravilhosas aventuras algumas d'um certo cunho, mas a maior parte de fancaria.

Do livro esse genero passou para o teatro e o successo repetiu-se. A imaginação trium-



1-1.º ato: A cena da abertura da garrafa de segredo
2-1.º ato: A cigana Timotea despedindo-se do Barriga de Bicho

fa sobre as pesadas peças de teses e d'este modo o sensacional trabalho teatral americano.

Jummy o *Misterioso* appareceu no teatro Nacional traduzido com o titulo de *20.000 Dollars* tendo dado um grande numero de recitas com tantos lucros para a empreza como jámais os deu n'aque-la casa uma obra prima.



3-2.º ato: A entrada do Barriga de Bicho com o Roque e o Gambeta
4-2.º ato: O encontro de Filipe com o carroceiro e o Olarecus
(Clichés de Benoliel)

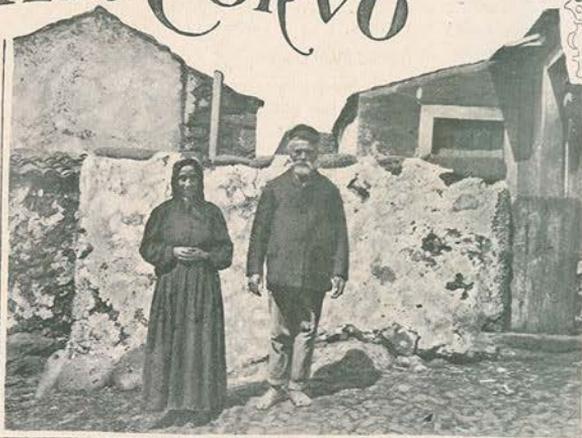
O nosso colega do *Seculo*, Eduardo Fernandes, *Esculapio*, fez uma parodia á peça, que intitulou *Vinte Milhafres* e que vae fazendo no teatro Moderno tão bela carreira como o seu modelo.

A ILHA DO CÔRVO

Como 800 portuguezes, abandonados dos governos, vivem heroicamente da propria iniciativa e esforço

Realmente, a nossa infeliz ilha do Corvo, vista a poucas milhas, parece um corvo que se agachasse ali, de pescoço estendido, vindo de longe, desalentado, batido da tormenta. E essa attitude de quem não pôde mais, de quem se deixou abater, esfalfado, corresponde de uma forma impressiva ao desalento, ao cansaço dos seus habitantes, que ainda só ha 3 anos conseguiram que lhes canalisassem a agua, que bebiam do mesmo ribeiro que os animaes, sujeito a todas as inmundícies!

Mas quantas coisas lhes faltam ainda! Nem um pequeno caes, nem comunicações regulares com a metropole, nem medico, nem farmacia! Em suma, o Corvo é talvez a terra portugueza mais descaravelmente engeitada do governo do paiz. E é tão linda e fer-

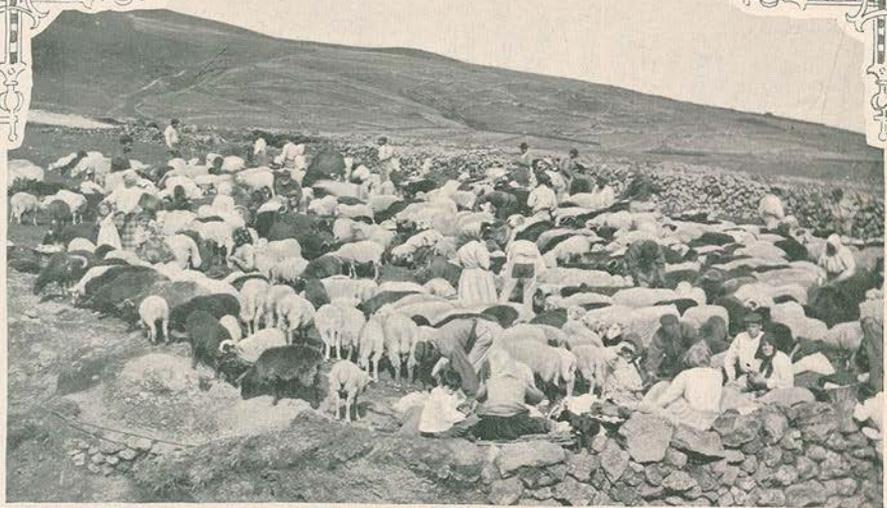


Um casal da ilha do Corvo

til aquella ilha, os seus habitantes tão trabalhadores, tão honestos, tão dignos de ser attendidos nos seus clamores! Ninguem ali vae que se não sinta tocado de tanto infortunio e enleiado nos encantos de tanta simplicidade.



2 e 3—Dois aspectos da villa da Ilha do Córvo, unica povoação com 783 almas e 193 fogos existente na ilha



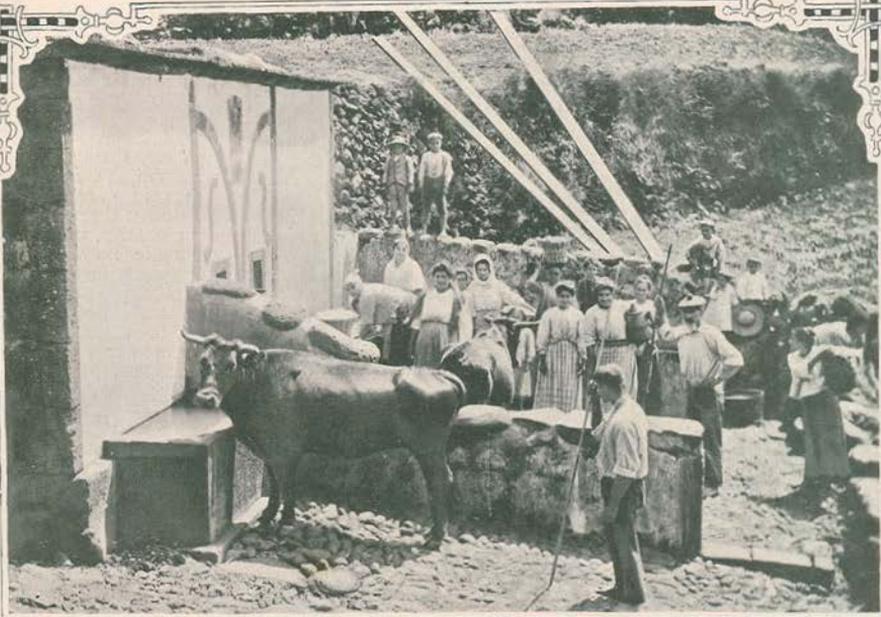
Desde que a descobriram—vae para quatro seculos e meio—a lenda apoderou-se logo d'ela e velou-a de misterios. Não houve nada que marinheiros e escritores não imaginassem d'aquelle curioso fragmento vulcanico da Atlantide, de Platão. O Corvo foi como que a sentinela temida do Velho Mundo, desgarrada n'aquelas paragens, guardando ciosa as suas aguas e espreitando ambiciosa as do Novo Mundo. Se Camões a tivesse visto, faria d'ela um segundo Adamastor. Até Damião de Góes lhe idealizou, talhada nos penhascos hirtos, uma estatua apontando para oeste. E o seu Caldeirão, a grande lagôa, que no topo lhe disfarça as guelas d'um vulcão medonho, passou com as suas ilhotas como um estranho mapa natural, em que estão representadas as demais ilhas dos Açores. Tanto assim que essas ilhotas, cobertas de pastagens, teem

fórmias semelhantes ás ilhas do arquipelago e são designadas com os seus nomes. Pitoresca e curiosa coisa!

O Corvo, com as caprichosas correntes maritimas que o abraçam, ramificadas do *Gulf-stream*, é um dos objetos mais interessantes dos estudos do principe de Monaco. O falecido professor José Julio Rodrigues, tão inteligente como sabedor, considerava-o como um segundo paraizo, e o estadista Mousinho da Silveira, o grande apostolo da liberdade, dizia que a gente do Corvo fóra a unica que se mostrava sinceramente grata aos beneficios da sua legislação liberal. E tanto assim que no seu testamento consignou o desejo de que o levassem, se fôsse possivel, a dormir o seu sono de morte, conchegado ao seio d'aquella boa gente e acalentado pela melopeia triste das vagas que franjam graciosamente de branco a ilha em toda a



1—A tosquia das ovelhas. 2—A cratera chamada o Caldeirão



1—Na fonte
2—Chegada dos pescadores à volta da pesca do «Bonito»

volta. Mas nada d'isto, que tanto exalça o Corvo, lhe atraiu a atenção dos poderes publicos. Nenhum governo até hoje se interessou pela sua triste sorte para lhe levar uma migalha das prodigalidades que todos eles teem tido com outras terras.

Ao cabo de muitas canceiras conseguiu que tocasse ali de tres em tres mezes o vapor *Funchal*, da Empreza Insulana de Navega-



3—Um dos grandes acontecimentos da ilha: A chegada do paquete «Funchal» que só all vae de tres em tres mezes



ção, que incontestavelmente tem prestado bons serviços aos Açores. Mas ás vezes passamos mais de seis sem que o vapor possa comunicar com a terra em virtude do muito mar e porque não ha um caes com um abrigo qualquer para desembarque de passageiros e mercadorias. Esse serviço

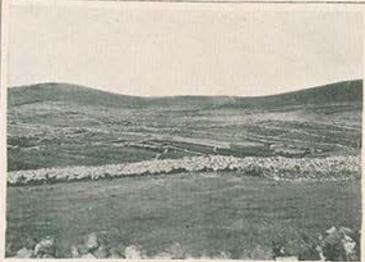


1—Um aspecto da ilha do Corvo

faz-se ás costas de marinheiros, com agua para cima da cintura e com grandes riscos de serem arras-



2—Outro aspecto da Ilha do Corvo vista do mar
3—Parte do baldio no Corvo
4—Pastagens corvinas
5—A cultura do milho no Corvo



dois poderosos elementos de transformação para o Corvo, que não pôde contar com a importação e exportação de generos de consumo, nem com socorros urgentes de especie alguma.

Terrivelmente isolado, abandonado dos governos, ludibriado pelas promessas dos politicos, o Corvo tem resistido aos embates do infortunio, como o basalto das suas soberbas rochas aos embates do mar. Extraordinaria tempera a da alma d'aquela gente!

Convenceu-se de que tinha de contar só consigo, e contou, dando ao mundo o exemplo mais comovedor, talvez unico, de quanto pôde a solidariedade humana, resultante da consciencia de uma situação desesperada, da fé no proprio trabalho e do amor do bem comum.

Os habitantes do Corvo foram-se ao solo da ilha e revolveram-no, desentranhando com que ir vivendo e pagando os seus impostos, no que são pontualissimos. Tratam os seus campos com o carinho e o gosto de jardineiros. E' um encanto vêr aqueles retalhos geometricos de terra, amorosamente afagada, anivelada como canteiros, variegadamente matisada e protegida cuidadosamente contra as rijas ventanias.

Os cereaes, principalmente o trigo, abundam ali; abundam os gados e as aves nos relvedos. Com tudo isso e com o saboroso peixe, a garroupa, o bodeão, o cherne e a corvina, vive-se.

Reconheceram tambem a necessidade de se instruirem, e hoje não ha ali um só analfabeto, rapaz ou rapariga, sendo os seus emigrantes

preferidos na America do Norte, no Brazil e no Chile, onde alguns teem feito boas fortunas. Não ha medico; mas eles são medicos, uns dos outros. E, — coisa curiosa! — a media da mortalidade ali é muito inferior á das outras ilhas e do continente.

No Corvo, não ha cadeia. Nunca, de tempos imemoriaes, se cometeu ali um crime, e nas du-



- 1—A estação radio-telegrafica do Corvo
- 2—Debulha do trigo e centeio
- 3—Tipos corvins
- 4—Procissão de S. Pedro
- 5—Raparigas do corvo em dia de festa
- 6—Um aspecto do campo

zentas casas da ilha não ha uma só porta com tranca ou fechadura! Ficam todas, durante a noite, confiadamente na aldraba. Se, de longe em longe, surge alguma questão de interesses, é resolvida por tres cidadãos dos mais velhos e conceituados, e todos acatam a resolução, como se fôsse de um tribunal, sem recurso.

Não ha ali ninguém pobre. Todos teem o seu teto e o seu pão. E, quando não o podem ganhar, não o recebem a titulo de esmola, recebem-no como um irmão menor ou invalido o recebe, sem humilhações, de outro irmão. A ilha do Corvo realisa o tipo ideal d'uma republica socialista.

N'aquela singular organização social, em que não intervieram estadistas com discursos e leis, ha muito que admirar e aprender; mas ha sobre tudo um documento tristissimo da incuria dos nossos governos.

E' preciso apagal-o quanto antes para honra da Republica Portuguesa, dando a tão sympathica gente o que ha tantos anos se lhes nega, com offensa gravissima da lei fundamental do paiz e dos mais rudimentares ditames da humanidade.

Antonio Maria de Freitas.



O Feminismo Triunfa em Coimbra



O dr. Marnoco e Sousa, catedrático dos mais conhecedores na faculdade de Direito da nossa prestigiosa e sempre nomeada Universidade de Coimbra, lançou a publico, em 1910, um denso volume de materia constitucional que mezes antes fôra prelecionado, pagina por pagina, a seus discipulos e que, atochadas foram depois no grosso livro a que aludimos, divulgado nas vitrines das livrarias d'aqui e aqui vendido como canela entre jovens parlamentares, tal como entre viajantes é vulgar o bom *Baedeker*, sempre precioso e esclarecedor, dispensando opiniões proprias porque lá se aponta já escolhido o adjetivo com que deve olhar-se cada quadro, paisagem ou ruina. E de fa-

tem havido, e ha ainda, mulheres de uma milagrosa e altissima vivacidade intelectual, pouco interessadas do seu *ménage* talvez, mas indiscutivelmente interessantes, cultas, com rascos de verdadeira mentalidade, e muitas, muito mais habeis... do que eles, isso talvez não, mas seguramente de que a maioria dos seus colegas... Mas quando se tratava de, em relação ás mulheres lhes dedicar um futuro, de lhes escolher as posições mais dignas, ou de indicar-lhes livros uteis, logo os psicologos lhes inculcavam, cinnicos, as artes culinarias, as posições horisontaes como livros uteis as obras de Julio Diziz, e por Biblia, o *Manual do Cozinheiro*, do Plantier... E se, n'este particular, olharmos mais quanto succede em Portugal, podemos referir já aquele *cliché* de todos, enumerando como lidimas mulheres bem ilustres e altivas mostras da nossa intellectualidade feminina, asr.ª D. Maria-Amalia, a D. Alice Pestana, a D. Olga Sarmento, tão insinuante, D. Branca de Gonta e Carolina Micaelis, cinco lumes vivos em es-

cto, por vezes, a ler os extratos mais longos dos mais longos discursos proferidos, cheios de vernacula evocação historica, nós tivemos a impressão de que o dr. Marnoco orára na vespera em S. Bento. E, como todos os sonhos, ao vêrmos o legitimo nome do orador, a impressão se desvanecia...

Que pensaria aquele sobre o feminismo? Nesse volume denotámos as palavras: «Ora, se se não pôde admitir a doutrina de Stuart Mill, que eguala a mulher ao homem sob o ponto de vista mental, é certo que tambem não se pôde negar á mul er a inteligencia suficiente para o exercicio da função eleitoral. Já lá vão os tempos em que a mulher era considerada por Proudhon uma organização sustada ao seu desenvolvimento, e por Michelet, uma desequilibrada, que merecia unicamente compaixão...»

De todos os tratadistas, ou simples autores, ou meros jornalistas, a confirmarem uma doutrina egual, se encostam á defeza de que



trela erguida e detentosa da excelencia intelectual, seguidas com tranquila e muito respeitavel modestia por D. Ana de Castro Osorio e Albertina Parraizo, e, enaipando n'uma coôrte toda combatente, os nomes divulgados de D. Maria Veleda e Carolina Angelo, a extinta sufragista.

Um ou outro, dos velhos já, relembrava a sã probidade literaria de Guimara Torrezaão, emquanto os fazedores de almanques iam alinhavando, sem mais conhecer, os nomes de Paula Vicente, Luiza Sigéa, Publica Hortensia e... Filipa de Vilhena que armára os filhos cavaleiros. O retrato do movimento feminista faziam-nos assim, e por dilatados anos eu creio bem que o continuarão a fazer ainda.

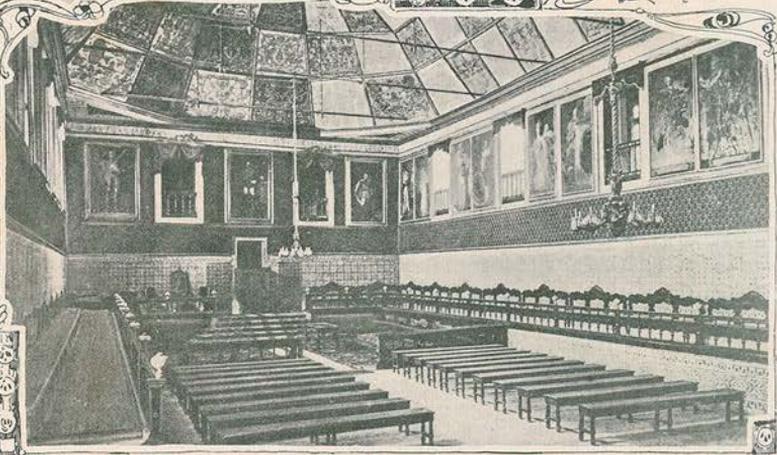
Ora cumpria uma tarefa: saber-se em todo o Portugal, tão pequenino, mas imenso de bons exemplos, se procederia assim insensatamente. E foi entre a ge-

1—O archeiro da Universidade de Coimbra
2—A porta ferrea 3—D. Regina Quintanilha
aluna do 4.º ano de Direito



nerosa Academia de Coimbra que pode aperceber-se um gesto mais ilustre de audacia e uma lembrança mais feliz *pro-feminismo*.

Na Universidade de Coimbra, frequentada hoje por tres galantissimas *demoiselles* illustres, que não no numero, antes no valor e dotes, cujas imagens exornam este artigo, aconjuntam-se quatro faculdades e cada qual d'elas, pela reforma recente, tem o gracioso direito de eleger entre os seus colegas um dileto que conjuntamente com os lentes reuna em conclave na sala dos Capelos,—tão cheia de recordações historicas, de onde se evolvam tantas nobilissimas tradições academicas! —e ahi eleja o novo Reitor, após aqueles instantes de sacra meditação, até que o Espirito Santo, em fórma de pomba candida, venha discreto esvoaçar junto ao ouvido e oscular-lhe um nome. E cada qual recolhidamente o escutará e ha-de deslisar sereno a depôr na urna uma lista. Ora entre tantas ce tenas de estudantes, houve apenas uma parcela—*ô bra-*



1—D. Maria Tereza de Melo Nobre, aluna do 5.º ano de filosofia
2—A sala dos atos grandes da Universidade



1—D. Maria da Conceição Ferro da Silva, aluna do 5.º ano de filosofia e 1.º de medicina e delegada dos estudantes de medicina á Assembléa Geral da Universidade

ves cadets de Gascogne!—os estudantes de medicina, que repeliram rapazes para entre si aclamarem por sua delegada á Senhora Dona Maria da Conceição do Sameiro Ferro da Silva, cursando medicina e quintanista de filosofia, academica de distinguindo nome entre todos os alumnos seus colegas.

E assim, quando d'aqui a tempos se reunirem no Claustro pleno todos os eleitores que hão de destacar por seus votos aquele que suceda ao dr. Mendes dos Remedios,—e difficil será succeder-lhe gloriosamente nos meritos, subtiliza e ciencia e afabilidade do trato—entre muito lente mal composto e outros por demasia petulantes, entre os acanhados academicos delegados, ha de destacar-se



o porte distinto da galante aluna em quem os estudantes de medicina delegaram com a ufanía de quem se eleva ao ser assim representado.

Para que se eleja o novo Reitor, calurão surdos os votos, um a cada eleitor conferido quando todos esperavam que a sorridente eleitora D. Maria da Conceição fôsse concedido voto plural. . Lá estará talvez a contestar-lho o dr. Marnoco «visto não haver criterio algum seguro para determinar os votos que deve ter cada posição



2—D. Maria da Conceição Ferro da Silva com a pasta de quintaista 3—O bedel da Universidade

social, (1), mas confesso não compreender que haja hesitação em se conferirem dois, tres, seis, numerosos votos, o direito de voto mesmo a uma eleitora quando se é culta, linda, airosa, vestindo elegante e encantadoramente modesta como quem acabo de referir... Lisboa 13 de Janeiro de 1912.

João Maria de Magalhães Colaço.

(1) Dr. Marnoco e Sousa, *Direito Politico*, 1910, pag. 473.